

O TIRO CIVIL

REVISTA DE EDUCAÇÃO PHYSICA E SPORT NACIONAL

Director e proprietario

Anselmo de Souza

PREMIADO COM O GRANDE DIPLOMA DE HONRA NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA, LISBOA 1898

Orgão official da União dos Atiradores Civis Portuguezes

Editor responsavel

F. S. Pedrozo Junior

Artigo 42.º do Estatuto, decreto do ministerio da guerra de 23 de novembro de 1899

Anuncios

Nacionais e estrangeiros preço convencional

Typographia — Rua de S. Paulo, 216

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes 300 reis
Provincias, 6 mezes 680 »
Numero avulso 60 »

Segunda-feira, 1 de outubro de 1900

MARTINEZ DE CAMPOS

O Homem — O Militar — O Politico

Na manhã de domingo ultimo, 23 de setembro, fallecia, quasi repentinamente, aos 69 annos de idade, na sua casa da provincia, o general e politico hespanhol, Arsenio Martinez de Campos. Acontecimento imprevisto, juntou o effeito da surpresa ao que já seria natural produzir, dada a importancia do fallecido, se tal facto estivesse sendo esperado.

Curiosa, agitada e trabalhosa vida foi a d'este homem, figura proeminente no quadro da vida hespanhola do seu tempo, e que, transportado para outro meio mais vasto, e tendo de influir com a sua espada no desenlace de questões mais amplas, bem poderia ter sido considerado, por todos, como um dos maiores capitães do seculo.

O marechal Martinez de Campos desce á sepultura, levando a consciencia tranquilla de nunca ter faltado ao cumprimento dos seus deveres, tanto de militar como de cidadão; de ter sido fiel a um credo da sua vida, o amor dynastico, pelo qual tudo arrostou e tudo emprehendeu com o mais perfeito desassombro e a maior lealdade; mas deve ter descido a ella, igualmente, com o animo desfeito e o coração partido, por terem sido impotentes todos os seus esforços e desprezados e vituperados todos os seus conselhos, quando, na sua altissima dedicação civica, não tinha duvida em afrontar a impopularidade, para ter mão, a tempo, no desmembramento da patria.

Martinez de Campos, que se não subtrahiu nunca ás maiores durezas da guerra, e que não regateou a sua espada, toda a vez que esta podesse servir a causa da ordem publica, a do throno legitimo, e a da integridade nacional, reconheceu, de longa data, que não eram já esses os meios para conservar a grande Antilha na soberania da Hespanha; e era por meio de contemporisações e de concessões, largamente generosas, que elle esperava ainda reconciliar, como irmã da patria continental, aquella que esta se obstinava, secularmente, em tratar como escrava.

Não o ouviram; deturparam-lhe o espirito das suas palavras severas e ponderadas; e o jingoismo patriótico e nacionalista, que por toda a parte há, e de que a Hespanha teve occasião de dar, ultimamente, tão ruidosas manifestações, prevaleceu, como sempre, á voz da razão, do saber e do bom conselho, tendo Martinez de Campos de se retractar quasi, de prestar vassalagem á opinião tradicional e ignorante, e de se recolher á quietação e obscuridade do seu lar, para assistir, de lá, tristemente, á confirmação das suas advertencias.

A elle, e a Castelar, foram entenebrecidos os ultimos dias, pela mesma ordem de tristezas e de decepções nacionaes. Mas a nós impressiona-nos, de maneira muito

mais commovida, a grande dôr patriótica de Martinez de Campos, do que a do grande tribuno e a do grande historiador philosopho. E diremos, porquê.

Com respeito á autonomia de Cuba, foi Castelar, toda a sua vida, um espirito illogico e intransigente. Por obediencia a pre-conceitos e a obrigações politicas, e não de certo a imposições do seu espirito esclarecido e da sua luminosa intelligencia, proclamou sempre, do alto da tribuna parlamentar, a necessidade impreterivel que a Hespanha tinha de manter Cuba em violenta submissão.

Por isso, quando, ao cerrarem-se já perto os nevoeiros da morte, a viu perdida, não teve direito de erguer a voz em recriminações, e, pelo contrario, pertenceu-lhe vergar a frente, com resignação e humildade, deante do acontecimento, considerando este,—não de certo na logica do seu espirito, porém, sim na logica da sua politica,—como uma decepção.

Emquanto que Martinez de Campos soffreu a dôr incomportavel de vêr realisado tudo quanto previra; persuadido, e talvez com verdade, de que poderia ter afastado dos labios da patria esse calix de amarguras, se a patria não tivesse preferido ser obstinadamente cega e surda, desattendendo o cidadão que sempre lhe fôra lealmente dedicado, e o soldado que sempre bem a servira.

Verdade seja, porém, que, nas sombras da ultima agonia, o alto espirito de Castelar pôde ter visto o phantasma de um remorso, emquanto que, na mesma hora solenne, a alma de Martinez de Campos, pôde ter sido visitada por uma consolação.

* * *

Ponhâmos, no entretanto, embargos ás considerações em que nos poderíamos dilatar, com mais aprazimento nosso do que dos leitores; e rememoremos com estes, em quadro tão summario quanto nos é imposto pelas dimensões naturaes do presente artigo, a vida agitada, laboriosa, inquietada, e mais de uma vez exemplar, d'este politico e d'este general hespanhol.

Martinez de Campos, digâmol-o antes de tudo o mais, acaba de descer á ultima jazida, como a ella desceu Castelar, não ha muito ainda, honradamente pobre. Deixa á sua viuva a pensão da sua patente. Fica-lhe, no leito talvez da morte, uma filha estremecida, que parece ter prêssa em seguil-o á sepultura. Consta, pelos jornaes, que recusou todos os cuidados medicos e hygienicos, com a sua pessoa, tão pouca importancia dava já a si proprio, n'aquelle desengano em que tantos terminam, cangados de tudo. Recusou para o seu cadaver as honras militares a que tinha direito, não querendo dos homens senão o esquecimento, contente apenas com a paz da sua consciencia e com a saudade dos seus, e desprezando todas as honras ephémeras e todas as vaidades do mundo.

Quê tristezas e desillusões se adivinham, tão angustiosas e tão profundas, ao erguer-se discretamente, sobre a sua camara mortuaria, este vê de amarguras!

Por tres vezes foi Martinez de Campos declarado, officialmente, benemerito da patria. Tinha a grã-cruz de S. Fernando, a de S. Hermenegildo, e a do Merito militar, por serviços de guerra. Era cavalleiro do Tosão de Ouro. Entre as condecorações estrangeiras, possuia a grã-cruz da Legião d'Honra, a de Leopoldo d'Austria e a da Torre e Espada de Portugal.

Nasceu em Segovia, a 14 de dezembro de 1831. Seu pae era general de brigada. Aos 21 annos, concluia o curso do Estado Maior, na Escola de Madrid; era promovido a tenente, e, cumpridos dois annos de tirocinio, ficava aggregado ao Estado Maior de Valencia. Ahi, exerceu, entre outras commissões da sua patente, o logar de sub-professor da Escola do seu corpo.

Em 1856, com 25 annos, e já capitão de cavallaria, recebeu o baptismo de fogo, fazendo parte das forças que, sob o commando de Dulce, marcharam para o Aragoão; e foi agraciado com a cruz de Carlos III, pelo seu comportamento no bloqueio de Saragoça. Terminada esta campanha, Martinez de Campos regressou ao exercicio das suas funcções de professor.

Interrompeu-as, novamente, em 1859, para tomar parte na campanha d'Africa, como adjuncto ao estado-maior de O'Donnell, e n'esta assistiu a 16 feitos d'armas, e foi gravemente ferido; sendo-lhe reconhecidos os seus serviços, com a cruz de S. Fernando, de 1.ª classe, a gradação de tenente coronel, e uma menção honrosa.

Quando regressou á peninsula, reassumiu as funcções do professorado, as quaes abandonou para ser incorporado na expedição enviada ao Mexico; tornando, novamente, a occupar a sua cadeira de professor, logo que voltou a Hespanha.

E' muito curiosa, como se vê, a primeira parte da vida d'este novel official, alternando com os serviços das expedições e campanhas, o exercicio mais sedentario de professor na Academia do seu corpo; sendo, assim, duplamente illustre, tanto no campo da acção, como no campo intellectual.

Convém notar isto, para que se não creia, e não repita como já o vimos escrito, que Martinez de Campos tenha sido um soldado de aventura, guindado ás emnencias da hierarchia militar, em parte pela intriga politica, e n'outra pela bravura pessoal. Foi politico, foi bravo; mas foi, tambem, um estudioso; e conquistou, pela sua applicação aos livros, as palmas do saber, uma cadeira de professor, e as suas primeiras gradações militares.

* * *

Em 1869, por pedido seu, foi incorporado no exercito de Cuba, e logo os seus

serviços, ali, puderam ser tão importantes, que, no anno seguinte, o duque da Torre, então regente do reino, lhe conferiu a gradação de brigadeiro. Em Cuba, deu provas inequívocas da sua ousadia e da sua valentia, dirigindo em pessoa grande numero de combates, e tornando-se principalmente celebre a sua campanha de nove mezes, durante os quaes não dormiu nem habitou em povoação, dois dias seguidos!

Pouco depois de retirar de Cuba, e vigorando em Hespanha as instituições republicanas, ás quaes se recusou a adherir, foi apesar d'isso, em 15 de março de 1873, nomeado, pelo governo da republica, governador militar da provincia de Gerona.

Começou, então, a sua vigorosa campanha contra os carlistas, em plena insurreição. Collaborou nas operações da columna de Cabrinetty; mas debalde procurou disciplinar os batalhões de caçadores da Catalunha e de Cuba, os quaes estiveram a ponto de comprometterem-o seriamente, no encontro com os carlistas, em Capdevanol, onde elle deu os exemplos da maior valentia, sendo-lhe morto pelo inimigo o cavallo em que montava. Escarmentado ahi pelos carlistas, dos quaes nem poudo obter o resgate dos prisioneiros, retirou, na melhor ordem possível, para Ripoll, mantendo sob um jugo de ferro o resto das tropas insubordinadas.

Depois d'isso, poudo socorrer Berga, que os absolutistas haviam tomado, expulsando-os da praça conquistada, e em seguida a outros feitos, que temos de passar em claro, havendo-se constituido, em Madrid, novo ministerio, sob a presidencia de Salmeron, Martinez de Campos recebeu d'elle o commando militar de Valencia e o do exercito de operações d'aquella capitania general.

Ora, em 13 de julho, Valencia tinha-se organizado em cantão. O novo commandante militar dirigiu á cidade, em 31 do mez, uma allocução pacifica, intimando-a a render-se, e ameaçando-a, caso não fosse obedecido, de principiar no dia seguinte o seu bombardeamento. Teve de cumprir a ameaça, a que deu começo, em 3 de agosto, entrando na cidade, no dia 8.

Tambem é curioso este periodo da biographia de Martinez de Campos. Combatia, por ordem do governo republicano, os cantonaes, que não queriam reconhecer essas instituições politicas, como elle as não reconhecia tambem. Mas, ao mesmo tempo, conspirava já a favor das instituições monarchicas, contra as instituições republicanas, aproveitando-se dos elementos que estas lhe confiavam para as servir. Que duplicidades a politica accete e permite! Verdade seja, que só lhe era possível aplanar o caminho para a restauração monarchica, quebrando primeiramente todo o poder, e annullando toda a expansão, do carlismo e do cantonalismo.

Submettida Valencia, marchou sobre Murcia; declarou esta provincia, e bem assim as de Alicante, Valencia e Castellon em estado de sitio; e, de accordo com o marinheiro Miguel Lobo, e havendo recebido do governo um voto de plena confiança, e recursos consideraveis, bloqueou Carthagená. Teve, porém, de acudir a Alicante, a que os cantonaes estavam intimando rendição; mas como se oppuzesse terminantemente á intervenção ingleza, solicitada pelas auctoridades da cidade, e como o governo desse approvação ao proceder d'estas ultimas, pediu a sua demissão do cargo de capitão-general, a qual lhe foi accetea, indo substituí-lo Francisco Ceballos.

Um anno depois, em 1874, sendo já

marechal de campo (aos 43 annos, isto é, na idade em que, no nosso paiz, se é capitão de qualquer arma ou serviço, e ainda para marcar passo, annos e annos, n'esse posto, quando, por ventura, se não é tenente ainda, como já succede na nossa artilheria), em 1874, repetimos, investido no commando de uma divisão, e fazendo parte, com ella, do corpo de exercito do general Concha (marquez do Douro), teve parte principal em algumas acções sangrentas, e sustentou a retirada do exercito, depois da batalha de Monte Muro.

Martinez de Campos, confiado, já, nos seus serviços e na sua espada, e conhecendo a influencia que podia exercer nas tropas, começava a ter as audacias proprias de quem, n'um paiz habituado ás agitações do militarismo, se sente apoiado pela força. Por isso, pouco antes, tivera de soffrer uma punição disciplinar, sendo desterrado temporariamente para as Baleares, em virtude dos termos em que se despedira dos catalães, quando lhe foi accetea a demissão, a que nos referimos acima. D'esse desterro, escreveu uma celebre carta ao general Zabala, ministro da guerra, pedindo-lhe licença para ir combater, como simples soldado, sob as ordens do general Concha, as facções carlistas da Navarra e das Vascongadas. A resposta a essa carta foi pôrem-o em liberdade, e darem-lhe no exercito do Norte, o commando de uma divisão. E, em seguida á sanguinolenta batalha de Monte Muro, deante do cadaver ainda quente do marquez do Douro, tentou proclamar rei, em Tafalla, o filho de Izabel II, proposito que não poudo realizar, principalmente pelas contrariedades que lhe levantava Cánovas del Castillo, chefe do partido affonsino, mas inimigo declarado das insurreições, e habil bastante para se servir, em proveito proprio, de uma espada feliz, sem consentir em ser esmagado sob o peso d'ella.

O governo, informado do caso, por communicações officiosas, deliberou mandal-o prender; mas a isso oppoz-se o ministro da guerra, o qual se responsabilizou pela fidelidade republicana de Martinez de Campos. Não estava má fidelidade! E não saberia o ministro da guerra qual o valor e qual a sinceridade das responsabilidades que assumia?

* * *

Note-se, que o partido affonsino, a cuja frente se encontrava Cánovas del Castillo, não conspirava na sombra. Era um partido de lucta clara, que fazia abertamente a sua propaganda; cujos trabalhos eram conhecidos; e que mantinha importantes órgãos na imprensa, empenhados na defeza do seu ideal. Quando, em virtude do golpe de Estado, de janeiro de 1874, se constituiu o governo provisório, os affonsinos apertaram fileiras, conquistaram no exercito valiosissimas adhesões, constituiram uma forte opposição parlamentar, e obrigaram o governo a fazer declarações d'esta ordem: «que não impunha soluções, mas que apenas exigia dos partidos o adiamento das questões politicas, até se acabar com o inimigo commum.»

Cánovas, sabendo a quem se dirigia, indignava-se, na tribuna, contra aquelles que «depois de terem defendido frouxamente o throno de D. Izabel, nada tinham podido nem sabido fazer para levantar o de seu augusto filho.» E, n'uma carta a este, que foi divulgada, não tinha duvida em dizer-lhe; «que, por sua parte, repudiava as conspirações, e que nem sequer as tolerava para o restabelecer no throno;

porque, para realizar um direito, não é preciso derramar sangue; basta saber esperar.»

Não o entendiam, do mesmo modo, os seus correligionarios militares, os quaes, de animo mais insoffrido, entendiam de primeira necessidade, que se precipitassem os acontecimentos. Por isso, Martinez de Campos, vendo-se contrariado pela politica contemporisadora do chefe, escrevia, de Madrid, a este, e a Izabel II, já nos fins de 1874, a participar-lhes que, não dispondo de meios para o pronunciamiento, desistia de todos os trabalhos e se retirava para a cidade de Avila, para o que pedia passaporte ao general Primo de Rivera, capitão-general de Castella a Nova.

Mas, ao mesmo tempo, de Sagunto, o brigadeiro Dabán communicava-lhe que só se podia comprometter a iniciar o pronunciamiento até ao fim de dezembro, o que estava por poucos dias; e Martinez de Campos respondia-lhe que estava disposto a arrostar com todas as difficuldades, e que elle proprio dirigiria a rebelião.

E logo na noite de 28 de dezembro sahio da capital; e, na manhã do dia immediato, á frente da brigada Dabán, junto ás portas de Sagunto, proclamou rei de Hespanha, D. Afonso XII, então estudante em York-Town (Sandurst).

O governo conferenciou telegraphicamente com o duque da Torre, commandante do exercito do norte, e reconheceu que não podia contar com essas forças. Do mesmo modo reconheceu, que não podia confiar na guarnição de Madrid. N'estes termos, redigiu o seu protesto contra o acto consummado, e abandonou o poder, do qual tomou posse Cánovas del Castillo, que para esse effeito estava designado por D. Afonso, desde agosto de 1873.

Como se vê, Martinez de Campos não foi um violento, que abusasse da força para sacrificar a pretensões ou a interesses seus e de alguns partidarios, a vontade maior do seu paiz. Foi um homem de acção, que mediu bem a oportunidade do seu movimento, e que dispoz de si e dos elementos que o apoiavam, para restaurar instituições tradicionaes e queridas do povo hespanhol, e para restituir á sociedade politica, que com elle contava, a pacificação que estava sendo exigida.

* * *

Foi, então, nomeado capitão general da Catalunha, e general em chefe do exercito do principado. As medidas humanitarias que promulgou, sobre indulto a desertores, neutralisação das vias ferreas, devolução de prisioneiros, abolição do systema de represalias, etc., mudaram, immediatamente, na Catalunha, o aspecto que até ahi tivera a guerra. No entanto, antes do fim de janeiro de 1875, teve de pôr-se em campo, iniciando operações decisivas, e sustentando contra as forças carlistas uma lucta na qual demonstrou a sua vastissima capacidade militar, e que, tendo sido gloriosa para a sua reputação de soldado, mais o fôra, de certo, se a tivera de conduzir contra inimigos de fôra, do que contra irmãos, e filhos da mesma terra.

A historia d'essa campanha seria bastante para ser tratada em largo volume. Nem sequer a esboçaremos aqui. Eis como a resume um seu biographo: «Bastará dizer que, no principado catalão, impelliu deante de si as facções obrigando-as a transpôr as fronteiras francezas; tomou Seo de Urgel, depois de demorado cerco e de renhidos combates; deu a paz ao territorio catalão, e realisando, em seguida,

uma atrevida marcha através das montanhas do Alto Aragão e da Navarra, contribuiu poderosamente para a derrota e dissolução das facções carlistas do Norte e para a terminação completa da guerra civil na península.»

Em 1876, pacificada de todo a Hespanha, Martinez de Campos recebeu o maior de todos os cargos militares, sendo nomeado capitão general dos exercitos nacionaes.

Mas não era homem que se comprouvesse em repousar á sombra dos louros colhidos, e em gosar na placidez de uma vida facil, as considerações e as honras tão laboriosamente ganhas. Cuba, onde Jovellar era capitão general, estava, de ha muitos annos, em plena insurreição. Martinez foi logo nomeado general em chefe do exercito de operações na grande Antilha, com facultades omnimodas para tratar com os insurrectos cubanos. E em outubro d'esse anno (1876) partiu de Cadix, a tomar conta das suas novas funcções.

Unindo com a maxima prudencia a maxima energia, era, ao mesmo tempo, o mais infatigavel e resistente chefe militar, não transigindo em nenhum dever de campanha; e o mais cordato e sensato homem de gabinete, procurando esclarecer e guiar o governo geral da Hespanha, na eterna questão de Cuba, com a serena imparcialidade dos seus avisos.

Assim, por uma serie de acções militares, das mais brilhantes, obrigou finalmente os revoltosos a assignarem a paz do Zanjón, que pôz termo á revolução dos dez annos. Mas, convencido de que a lucta só poderia acabar, afastando toda a idéa de exterminio, e fazendo intervir n'ella um espirito sincero de transacção e de liberdade, foi sempre chefe tolerante e humano, distanciando-se n'isso profundamente de todos os seus antecessores e successores, e bastando, para o illustrar, como homem de bom conselho, e bom amigo da Hespanha, a celebre carta que dirigiu em maio de 1878, a Cánovas, mostrando-lhe a impreterivel necessidade de fazer concessões.

* * *

Aqui, entra na altura propria a vida designadamente politica de Martinez de Campos. Regressa elle á península, depois de effectuada a pacificação de Cuba, em principios de 1879. Como antecedentes politicos, fôra membro da Assembléa de 1876, que elaborou a Constituição d'esse anno. E por essa Constituição, na sua qualidade de capitão general effectivo, pertencia-lhe o direito senatorial, o qual reclamou em junho de 1879, tomando assento no Senado tres dias depois, e prestando o juramento da lei. Mas era presidente do conselho de ministros, como successor de Cánovas, e ministro da guerra, desde 8 de março anterior.

Queria elle, no desempenho das suas altas funcções politicas, cumprir as promessas feitas aos cubanos; e para realizar o seu intento fez proceder a novas eleições de deputados e de senadores. Mas, Silvela, que fazia parte do gabinete, como ministro do reino, de accordo com Cánovas del Castillo, que manobrava de fôra, contraminaram-lhe os planos, com aquella perfidia, que é apanagio da politica, e a que esta chama habilidade, considerando-a peccado venial de bem pouca monta. Martinez, que estava de boa fé, e que apreciava os seus collegas de gabinete, sob o ponto de vista da sua lealdade de soldado, ficou terrivelmente surprehendido, quando se viu ludibriado por elles, e quando a

urna lhe entregou uma maioria canovista, em vez d'aquella com que elle contava!

Sem apoio nas Côrtes, sem confiança nos collegas, que não occultavam a sua falta de entusiasmo pelas reformas cubanas, Martinez demittiu-se da presidencia do conselho e da pasta da guerra; e como tivesse de vêr entrar para aquella, nada menos do que o proprio Cánovas del Castillo, achou de mais a *broma*, como os hespanhoes dizem, e passou resolutamente para a opposição.

Aqui (vâmos andar depressa, que o artigo vae alto, e a politica é um labyrintho intrincado onde não desejarão immensamente acompanhar-nos os nossos especiaes leitores), Martinez uniu-se a Sagasta; contribuiu para a formação do partido fusionista; serviu de fiador, perante o rei, á lealdade dos liberaes; e, subindo estes ao poder, com Sagasta presidente do conselho, em fevereiro de 1881, Martinez tomou parte no novo gabinete, com a pasta da guerra.

Em agosto d'esse anno, e no exercicio das suas funcções, teve o desprazer de vêr sublevadas algumas forças militares, em Badajoz, Seo de Urgel, etc., as quaes proclamaram a republica. Dominada a revolta, e punidos com o fuzilamento os cabecilhas d'ella, o gabinete Sagasta cahiu, e Martinez, portanto, com elle.

Foi presidente do Senado em 1885; por morte de Affonso XII, empregou toda a sua influencia no Paço, conseguindo da rainha regente que Sagasta voltasse ao poder. Mas, depois, indispoz-se com os fusionistas, e particularmente com o proprio Sagasta, contra quem pronunciou, no Senado, um discurso de vivissima opposição, predizendo-lhe a queda, para pouco, o que effectivamente succedeu, pois dentro de menos de um mez a regente incumbiu a Cánovas a formação de novo gabinete, sendo esse facto attribuido aos conselhos de Martinez.

Em 1892, o governo de Cánovas pede a demissão; a regente consulta os principaes homens publicos sobre a formação do gabinete, que lhe ha de succeder; e Martinez de Campos aconselha-a a que entregue o poder a Sagasta, o que ella effectivamente fez.

O novo governo nomeou o capitão general da Catalunha, em setembro de 1893, e foi n'esse anno que, ao assistir a um desfile de tropas, ia sendo victima fatal de um attentado commettido pelos inimigos da ordem social.

Dois mezes depois, já restabelecido, entregaram-lhe o commando do exercito d'África, por occasião dos mouros rifeños terem atacado a praça de Melilla. Entrou como embaixador da Hespanha, na cidade de Marrocos, em janeiro de 1894, sendo recebido pelo imperador Muley Hasán, e ajustando com elle o tratado da paz. Volta á península; mas não ainda para descansar. Era preciso acalmar a agitação militar, que determinou a queda do gabinete Sagasta, em principios de 1895, e para isso recebeu Martinez a capitania general de Madrid. Formado outro gabinete, sob a presidencia de Cánovas, Martinez de Campos, agora já entrado na velhice (tinha 64 annos), porém infatigavel sempre, recebe a capitania general e o governo geral de Cuba.

Parte para a grande Antilha, embarcando em Cadix a bordo do *Reina Cristina*, em 4 de abril. O modo como ahi se comportou, e o modo como teve de abandonar o seu cargo, para o entregar a Weyler, nomeado para lhe succeder, são

factos de hontem, que estão na memoria de todos.

Chegou a Hespanha, em 2 de fevereiro de 1896, tendo desembarcado na Corunha, e seguiu d'ahi para Madrid, onde, no dia 5, teve demorada entrevista com a regente. Em Madrid, recebeu, por equal, manifestações populares de sympathia e de desagrado. Durante a viagem fôra nomeado presidente do Conselho Supremo de Guerra e de Marinha.

Correspondendo a um repto do general Borrero, foi surprehendido pelas auctoridades militares (4 de junho de 96), quando os dois iam bater-se. E como ambos se negassem a dar a sua palavra d'honra de que se não bateriam, se os deixassem em liberdade, foram intimados a considerarem-se presos, nas suas residencias. N'este meio tempo, amigos commuus, apaziguavam o conflicto.

Por morte de Cánovas, Martinez de Campos filiou-se no partido conservador, dirigido por Silvela (os antigos aggravos estavam esquecidos). Em setembro de 1898, porém, não hesitou em fazer opposição tenaz aos planos militares e politicos attribuidos ao ministro da guerra, general marquez de Polavieja.

Este, por carta, prohibiu-lhe, como os leitores estarão lembrados, bem como o fez aos outros generaes, de concorrer ao enterro de Castellar, vestido de uniforme. Martinez de Campos, tambem por carta, annunciou ao ministro que assistiria ao enterro, como effectivamente assistiu (29 de maio de 1899) vestido de grande uniforme, e ostentando no peito todas as condecorações que durante a vida tinha recebido.

Agora, era, pela terceira vez, presidente do Senado.

* * *

Ahi deixámos, elaborado á pressa, porém tão completo quanto possivel, o retrato moral do homem que foi, durante a ultima metade do seculo, uma grande figura historica em muitos dos principaes acontecimentos da península.

FERNANDES COSTA.

TIRO

Portaria de louvor

Os corpos gerentes da *União dos Atradores Civis Portuguezes* foram superiormente louvados em uma portaria assignada pelo sr. presidente do conselho e ministro do reino.

A distincção do louvor em nome de El-Rei, que consideramos o primeiro atirador portuguez, é sobremaneira significativa e honrosa para os individuos que compõem o conselho gerente, dentro do qual é constituida a commissão executiva da *União*.

Nós congratulamo-nos com tão alta distincção que bem demonstra, não só que os poderes superiores do Estado conhecem a dedicação e altruismo com que a *União* se desempenha dos seus deveres patrioticos como ainda porque fazem justiça ao são criterio como se tem dirigido.

Folgamos ainda, porque, taes demonstrações dadas por El-Rei e pelo seu governo são, com certeza, poderosos incentivo para que se redobre, se tanto fôr possivel, o empenho, a dedicação e energia na propaganda da educação do tiro nacional; pois que, além de preparar a defeza

nacional, é um poderoso auxiliar economico para o governo, que poderá obter uma forte organização militar, sem grande augmento de despeza.

A *União* e as sociedades civis suas filiaes, embora tenham subsidios do ministerio da guerra, angariam muitos e valiosos recursos por meio das quotas dos seus socios, donativos, recitas e outras receitas obtidas pela sua dedicação e amor patriótico que tende a desenvolver-se.

Repetimos, é com grande jubilo que registamos a honra conferida á *União dos Atiradores Civis Portuguezes*, que é justa compensação dos trabalhos e desgostos, não fallando em despezas, que são o apanhamento de quem se dedica, de corpo e alma, a assumptos associativos d'esta natureza.

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Parte official

Ministerio do Reino

DIRECÇÃO GERAL DE INSTRUÇÃO PUBLICA

3.ª repartição

«Sua magestade el-rei, a quem foi presente a informação acerca dos trabalhos da associação denominada União dos Atiradores Civis Portuguezes, durante a época de 1899-1900, na carreira de tiro da guarnição de Lisboa, em Pedrouços, conforme constam do relatório enviado á secretaria de estado dos negocios do reino, pelo presidente e mais membros do conselho gerente da referida associação; «Ha por bem determinar que em seu real nome sejam louvados os mencionados presidente e mais membros da União dos Atiradores Civis Portuguezes, pelo zelo e dedicação com que facultaram aos alumnos dos estabelecimentos de ensino a Instrução gratuita no exercicio do tiro ao alvo com armas de guerra, preenchendo assim o patriotico objectivo d'aquella collectividade.

«Paço, em 17 de setembro de 1900.—

Ernesto Kodolpho Hintze Ribeiro.

Diario de Governo n. 212 de 20 de Setembro de 1900.

Commissão executiva

ACTA N.º 43

Sessão em 21 de setembro de 1900

A's nove horas da noite estando presentes os srs. Anselmo de Sousa, Correia Pinheiro, Fraga Pery de Linde, Pedro José Ferreira e Eduardo de Noronha, secretario, o sr. presidente abriu a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Foi lida a seguinte correspondencia.

Comunicação d'ordem de S. M. El-Rei, de quanto lhe tinha sido grata a leitura do relatório da *União* e agradecendo as manifestações da assembléa. Agradecimentos pela remessa do relatório, das Associações Commercial dos Logistas, Industrial, Protectora da Caça, Caçadores do Porto, Atheneu Commercial e Leitão & Irmão.

Relatorio do Atheneu Commercial, officio do Real Velo Club do Porto, convidando para a festa do seu 7.º anniversario; e o *Campeão* jornal do Porto, com referencias amaveis para a *União*.

Proposta do photographo Julio Novaes, para a venda de retratos em provas de *carte visite* para os bilhetes d'identidade. Esboços de diversos premios d'arte, para concursos, apresentados pela casa Leitão & Irmão.

Officios da 1.ª succursal, accusando a recepção de armamento decorativo; da 2.ª succursal, accusando tambem a recepção do armamento e requisitando 5 medalhas de bronze, para o torneio que alli se vae realizar.

Copia da acta da sessão d'instalação da Sociedade dos Atiradores Civis de Bragança, do theor seguinte:

Acta da constituição da Associação dos Atiradores Civis de Bragança

Aos treze dias do mez de setembro de mil e novecentos, n'esta cidade de Bragança e salão

da Associação dos Socorros Mutuos dos Artistas da mesma cidade, onde por oito horas da noite se encontravam reunidos diversos cavalheiros e entre elles a maior parte dos atiradores civis matriculados na carreira de tiro d'esta guarnição, os quaes haviam accedido á convocação feita por uma commissão composta dos Ex.ºs Srs. Dr. Gonçalves Braga, Dr. Eduardo Faria, Dr. Olympio Cajjal, Abilio Soeiro, Accacio Vidal, e engenheiro Olympio Dias, com o fim especial de estabelecer, por deliberação tomada em assembléa geral, as bases d'uma nova Associação dos Atiradores Civis d'esta cidade, encontrando-se tambem presente o Ex.º Sr. sub-director da mesma carreira de tiro tenente José Freire de Mattos Mergulhão, por todos os cavalheiros presentes, abaixo assignados, foi manifestado o desejo de se constituirem em associação permanente de atiradores civis, como filial da *União* dos mesmos atiradores em Lisboa.

Pelo mesmo sub-director, previamente convidado para o referido fim, foi entusiasticamente acolhido tão nobre como levantado intuito, manifestando por sua vez o desejo ardente de que a tradicional cidade de Bragança, séde do denodado regimento de infantaria n.º 10, se avante aos outros nucleos de população que acolheram calorosamente tão proveitosa empreza de educação nacional, e ainda porque esta insipiente associação concretiza as suas até hoje persistentes aspirações. Seguidamente pelo mesmo sub-director foi proposto para presidente da assembléa geral o bacharel Eduardo de Faria, proposta que foi approvada por aclamação de todos os cavalheiros presentes, em virtude do que o mesmo presidente occupou o logar que lhe estava designado, começando logo por agradecer a immerecida honra com que acabava de ser distinguido pela illustre assembléa; affirmou desde logo que o fim patriótico da mesma o fazia rejubilado de entusiasmo e de esperanza pela regeneração da nossa abatida collectividade nacional; que a iniciativa individual fundindo-se no principio associativo deverá produzir os mais appetidos resultados no mundo da educação physica, assim como os tem hoje produzido no mundo da sciencia da arte e da industria. O fim da presente assembléa que passou a expôr, era bem conhecido dos associados pela carta circular que previamente lhes havia sido enviada, e que pela sublimidade do seu fim se absteve de fazer mais considerações sobre o assumpto; por isso abria a discussão sobre o conteúdo da mesma circular qual era o da conveniencia de nos constituirmos em associação permanente para o fim d'empregar-m'os nos meios conducentes ao desenvolvimento physico dos associados nos seus variados ramos; e para o fim de se iniciarem os trabalhos sobre a discussão offerida nomeava para secretarios os Ex.ºs Srs. Bernardo Correia Sepulveda e Accacio Vidal, que occuparam os seus respectivos logares á mesa da presidencia.

Seguidamente foi pedida a palavra pelo Ex.º Sr. Silva Barreto sobre o ponto offerido á discussão e disse que posta alvejasse o levantado fim da associação que pertende fundar-se, não podia porém, precisar os fins especies da mesma pertendida associação, pois que a educação physica comprehende hoje tão variados e complexos ramos que não sabia se a associação que se tem em vista realizar, deseja obter a conglubação de todos elles ou simplesmente de alguns.

Usou seguidamente da palavra o distincto officio do exercito Ex.º Sr. Deziderio Ferro de Beça, o qual respondendo á duvida offerida pelo Ex.º Sr. Silva Barreto, affirmou que a pertença associação se deveria dirigir ao desenvolvimento physico dos associados mas especialmente á instrução do tiro e subsidiariamente a todos os demais ramos convenientes da velocipedia, da esgrima, etc., etc. e este desdobraimento se deveria levar a effeito conforme os recursos da associação fossem facultando a aquisição do material de ensino indispensavel a taes exercicios.

Com esta explicação foi unanimemente approvado o fim a que se destina a Associação dos Atiradores Civis e seguidamente as seguintes propostas:

Pelo Ex.º presidente da assembléa geral.

Que se fundasse desde já esta associação com a denominação de *Sociedade dos Atiradores Civis de Bragança*;

Que todos os presentes signatarios d'esta, se considerem d'hoje em diante membros da referida Sociedade e que assim sejam considerados tambem os que de futuro o queiram ser e n'ella sejam admittidos, sujeitando-se uns e outros aos prós e contra que por tal qualidade lhes possam advir; que esta sociedade seja considerada como filial da *União dos Atiradores Civis de Lisboa*, se por ventura a isso se não oppozer a referida *União*.

Que d'esta deliberação se desse conhecimento ao Ex.º Sr. Presidente da já dita *União* e se lhe pedisse a sua intervenção para com ella afim de considerar como filial a *Sociedade de Bragança*;

Que cada um dos signatarios seja considerado desde este momento um associado, obrigando-se a pagar a quota mensal de trezentos réis para fundos d'esta Sociedade;

Que enquanto se não organizarem estatutos proprios, que devem ser modelados e em harmonia com os da *União* de Lisboa, se regule pelas bases provisórias enviadas em cartas ao Ex.º Sr. sub-director da carreira de tiro e apresentados por elle n'esta assembléa geral;

Que, para que a *União* alludida considera a contar d'hoje a *Sociedade de Bragança* como installada se nomeie de prompto uma direcção que constará de um presidente, d'um vice-presidente, d'um secretario e d'um thesoureiro e de cinco vogaes que tomarão a seu cargo a gerencia da Sociedade ora fundada e installada;

Que se consignasse na acta presente um voto de reconhecido agradecimento ao Ex.º Sr. tenente-coronel de infantaria n.º 10 Antonio Augusto Lopes Mendes Saldanha, commandante militar d'esta cidade, pela sua compereancia n'esta assembléa;

Que igualmente se consignasse um voto de louvor á *Associação dos Socorros Mutuos dos Artistas de Bragança*, por haver facultado o salão da mesma Associação para se realizar esta assembléa e outras que porventura se realizem antes da aquisição de edificio conveniente para a mesma Sociedade.

Que, por proposta do Ex.º Sr. tenente José Freire de Mattos Mergulhão, sejam considerados socios benemeritos d'esta Sociedade os distinctos officiaes de infantaria n.º 10, Ex.º Sr. tenente Fernando da Cunha Macedo e alferes Antonio Augusto d'Oliveira Dias Junior e o tenente da guarda fiscal Ex.º Sr. Deziderio Ferro de Beça, por isso que gratuita e expontaneamente offerem a nova Sociedade os seus prestimosos serviços como professores de gymnastica, velocipedica e esgrima;

Que fosse consignado um voto de louvor ao illustre Ministro da Guerra pela protecção que tem dispensado á causa do Tiro Nacional;

E finalmente emanada a proposta da Presidencia, igualmente se consignasse um não menos merecido voto de louvor ao illustre sub-director da carreira de tiro da guarnição d'esta cidade, pelo seu zelo e incansavel actividade, no desenvolvimento de tão proficua instrução e como um dos principaes cooperadores para a fundação d'esta Sociedade;

Procedeu-se em seguida á nomeação da direcção por aclamação, e recahiu a escolha nos seguintes associados: para Presidente o dr. Eduardo Ernesto Faria; para vice-presidente, Abilio Lobão Soeiro; para secretario Accacio de Deus Vidal; para thesoureiro Sebastião dos Reis Macias; e para vogaes dr. Antonio Augusto Gonçalves Braga, dr. Antonio Olympio Cajjal, P.º Francisco Candido de Sousa, Carlos de Lima e Almeida e Augusto Cezar Affonso.

Assim ficou installada a Sociedade dos Atiradores Civis de Bragança, que pede á *União dos Atiradores Civis de Lisboa* a quem d'esta se enviará copia a considere como sua filial e promova em seu desenvolvimento, tudo o que em favor da mesma julgar conveniente, para que não periquilite, ao depositar a manifestação de tão grande sentimento patriótico quanto desinteressado, a não ser o amor e a defeza da integridade nacional em qualquer occasião difficil. E, finalmente, deliberou que se convidasse por officio da presidencia d'esta Sociedade ao Ex.º Sr. Dr. Cunha Bellem, Chefe da 6.ª Repartição do Ministerio da Guerra para que accete o logar de presidente honorario d'esta Sociedade, honra que a mesma agradecerá penhorada caso sua ex.ª lh'a dispense, proclamando tambem socio honorario d'esta Sociedade o ex.º sr. José Freire de Mattos Mergulhão tenente de infantaria n.º 10 e meretissimo sub-director da carreira de tiro de Bragança; pela maneira attenciosa e desvellada com que tem ministrado a instrução de tiro aos atiradores civis de Bragança.

E não havendo nada a mais a tratar elle presidente deu por encerrada a sessão, cuja acta vae assignada por todos os associados presentes.

(aa) Eduardo Ernesto de Faria, Accacio de Deus Vidal, Antonio Maria da Silva Barreto, Deziderio Augusto Ferro de Beça, Antonio Augusto d'Oliveira Dias Junior, Jose Freire de Mattos Mergulhão, Accacio d'Oliveira Moz, José Carlos Ferraz, Armando Rocha, P.º Francisco Candido de Sousa, Camillo Ferraz, Diogo Albiño de Sá Bargas, Leopoldino A. Ramies, Manuel Antonio d'Abreu, Alipio Albano Pires, Abilio de Lobão Soeiro, Olympio Arthur d'Oliveira Dias, Carlos Pedro Alcantara, Abilio de Jesus Ramos

Zoio, Olympio Cajigal, Julio Soares da Rocha Pereira, Albano da Ressurreição Costa, Daniel José Rodrigues, Antonio Augusto Gonçalves Braga; Sebastião dos Reis Macias, Augusto Cezar Affonso, José Joaquim Garcia, João Daniel, Antonio Guilherme Costa, José Sá Pillão, José Antonio Pires, Delfim da Conceição Conde, Armando Monteiro de Carvalho, Annibal Valente, Manuel Rodrigues Benito, Eduardo Coelho Flor, José Joaquim Pinto, Eduardo Augusto Domingues, Sebastião Pimenta, Vespaziano Tito Sendas, Alexandre Manuel da Veiga Gouvêa, Carlos de Lima e Almeida, Alvaro Móz, Delfim Direito, Napoleão de Carvalho, Antonio Augusto Lopes Mendes Saldanha, Albano Moura, Appario dos Innocentes, Alfredo João Affonso, Jayme da Silva, Antonio Lopes, Theodoro Guimarães, Casimiro Pissarro, João Manuel Garcia, Ignacio d'Assumpção Villares, Francisco Mória, Rodolpho Zeferino Chaves de Lemos, Luiz José de Carvalho, José Augusto de Sousa, P.º Amado, Antonio Jayme Teixeira, José Augusto Martins, Hypollito Ferreira, Bernardo Corrêa Sepulveda, Manuel Augusto Teixeira de Castro.

Está conforme

Bragança 15 de setembro de 1900

O SECRETARIO

Accacio de Deus Vidal

O sr. presidente fez ler em seguida, a portaria de louvar á União, publicada no diário do Governo n.º 212.

Sobre o expediente, resolveu-se agradecer as referencias do jornal Campeão, a remessa do relatório do Atheneu e o convite do Real Velo Club do Porto, communicando-se-lhe que o delegado da União n'aquella cidade a representaria em tão sympathica festa. Que ao sr. Novaes photographo se communicasse que alem dos socios terem plena liberdade de se photographarem nos ateliers que preferissem, as photographias não podem ser apresentadas em provas, mas já colladas ao cartão.

O sr. secretario participou que o socio Arthur Martiniano de Oliveira, retirando-se para Africa por tempo indeterminado desejava ser considerado como ausente. Este pedido foi deferido pela commissão.

Sobre o pedido da Sociedade dos Atiradores Civis de Bragança resolveu a commissão.

1.º Aceitar e reconhecer como 3.ª succursal da União, a referida sociedade á qual concede administração e autonomia local, bem como o gozo de todas as regalias até á presente data obtidas bem como o de todas as que a referida União venha a obter dos poderes constituídos.

2.º Entregar a gerencia da 3.ª succursal a uma direcção de nove membros, eleita pelos socios que a componham e d'entre elles valorizando e confirmando n'estas circumstancias, a eleição realisada. Esta direcção cumprirá para com a Commissão Executiva da qual é delegada e nas precisas opportunidades, todos os deveres a que esta se obriga para com o Concelho Gerente.

3.º Confiar á direcção delegada a rigorosa observancia dos estatutos da União pelos quaes se regerá a succursal no que lhe seja exequível, até que a União reconhecendo a necessidade de um regulamento que melhor defina as attribuições e direitos das succursaes, peça ao Governo sancção para uma nova lei elaborada n'esse sentido.

4.º Aceitar e propor ao Conselho Gerente a nomeação de socio honorario ao Ex.º Sr. José Freire de Mattos Mergulhão, sub-director da carreira de tiro de Bragança pelos relevantes serviços prestados por S. Ex.ª ao «Tiro Nacional.»

5.º Subsidiar a succursal installada, com munições destinadas á instrucção dos estudantes ou de individuos que pelas suas circumstancias não as possam adquirir á sua custa.

6.º Concorrer com um premio para os concursos officiaes que se realisem em Bragança.

7.º Participar a fundação da 3.ª succursal, a s. ex.ª o Ministro da Guerra, pedindo-lhe para ella regalias identicas ás concedidas para as succursaes já fundadas; ao Governador Civil, Administrador do Concelho e demais representantes das corporações civis e militares da cidade de Bragança, bem como aos presidentes das 1.ª e 2.ª succursaes.

Resolveu-se mandar cunhar as medalhas precisas e requisitadas pelas succursaes, para os concursos e torneios do fim da epoca.

Resolveu-se encarregar a casa Leitão & Irmão, da confecção dos premios *Caldas Xavier e Marcellino de Sousa*, o primeiro representando uma taça de honra, em christal prata e madeira com allegorias, o segundo um tinteiro de grande formato em bloco de christal com tampa de prata repousée com allegorias, segundo os orçamentos e desenhos apresentados.

Resolveu-se adquirir 3 premios d'arte nacio-

nal para os concursos e torneios de fim d'epoca a realisar nas 3 succursaes.

Resolveu-se prorogar até 31 d'Outubro o prazo para a inscripção de alumnos sem prejuizo dos já inscriptos, poderem começar a sua instrucção a 7 do proximo mez em conformidade com o programma approvedo.

Não havendo mais assumptos a tratar encerrou-se a sessão ás 11 horas da noite.

O SECRETARIO

Eduardo de Noronha

Concursos de tiro

Almeida. — Concurso official em 30 de setembro do corrente.

Bragança. — Concurso official em 7 de outubro do corrente.

Lerira. — Concurso official em 1 de novembro do corrente. Espera-se que o sr. ministro da guerra assista a este certamen.

LITTERATURA

As codornizes nas Paveias

II

(Concluido do n.º 193)

O Sousa, ora impaciente cambalhotava com o pé um cão de boa casta de demorada paragem, ora corria atrás de uma perdigueira hespanhola, que eu lhe dera, e que não parava.

Mas a codorniz, para outros tão apegada ao solo, para elle estava logo nas azas, mesmo sem cão, e morta.

O Augusto, com o seu bom e adestrado «Bello», que succedera ao «Saladim» — que damnado morrera a tiro — levantava em demoradas e cuidadosas voltas as codornizes tambem frequentemente, e derrubava-as a fio.

Continuavam os antigos luctando — só no campo, pouco intervindo já ou nada nos planos — não sem gloria, ás vezes, ainda. Em mais frequentes vantagens distinguia-se o Oliva, cujo tiro se mantinha certo. Não era já o de chofre dos primeiros tempos, tiro que ao João Gallego dera ensejo de offerecer-lhe, por ironia, um lenço para trazer a caça feita em astilhas.

O João Gallego, decahiria tambem das graças dos novos. Para lhe alliviar penas sahia eu só com elle ás vezes.

De uma annunciára-me elle, haver lebres, ao sul da Azambuja, em milhos onde poderiamos ao mesmo tempo encontrar codornizes.

Lá fômos os dois. Levava elle o seu «Nilo», um cão parado, mas ponteiro e resistente á volta, apesar de zurzido sempre; eu, o não menos aspero e pouco firme «Rainbow». Nos taes milhos a que chegaríamos tarde já — com 10 codornizes eu á minha parte — estavam de facto as aprasadas lebres. Matei uma na cama, Deus me perdôe; mas se a deixasse saltar perdia-a, impedindo-me os milhos, bastos e altos como já estavam, de a apontar. E tão perto foi que lhe decepei a cabeça, com o embalado chumbo! Logo, em seguida, outra se levantou aos cães, essa á beira do milharal. Metteu pela terra limpa, onde, em compensação da primeira, a deixei alargar, e tanto, que... a errei.

— «Oh! João como ella se leva depressa, e até torta, com o vento!» Exclamei eu.

Estava uma nortada rija que parecia impellir a á vela! Correu, correu até se perder de vista, e não mais pensei n'ella. Continuando a caçar para o sul, matei outra, atirando-lhe, pelo pouco mais ou menos, atravez do milho, e, quando o «Rainbow» m'a trazia á mão, mais outra, ás furtas, o antecedia, que fuzilei tambem, á queima

roupa, quasi, pondo em apuros o raciocinio do pobre cão, que ora pegava n'uma, ora n'outra, sem saber como abocar as duas.

No fim do campo, proximos já dos homens da monda, pensei voltar, mas o João fez-me signal para continuar caçando. Caçar o quê? A bulha da gente, o mais curto mondado milho, que esperanças lhe podia dar ainda de caça? Lá fui para a satisfazer, quando, com as «Boas tardes» passando os mondareiros, e dando eu ao diabo o João Gallego, pelas passadas que julgava inuteis, vejo o «Nilo» espedaco para uns alforges, e o «Rainbow» saltando-lhe por cima, tirar debaixo d'elles uma lebre morta!

«Eu logo vi que a lebre debia ir torta não só do bento como do frio para se abrigar axim» dizia, rindo, o João Gallego; e eu ria tambem, mas de riso amarello, com cara de tolo, da surpresa, e da asneira que disserra.

Dois tostões indemnizavam da perda da ceia o ladrão que se apropriára da lebre, que eu suppozera errada, e com esta — que sommava quatro, mortas em pouco mais de uma hora — carreguei ainda os valentes costados do João para castigo da partida que me pregára.

No dia 17 de julho de 1880 cacei no Carregado com o Oliva e o Souza. Foramos de vespera, no «Orion», o barco em que eramos donos compartes o Joaquim Cardoso, o Oliva, o Augusto Pinto Basto, e eu: era o yacht de 20 toneladas, registado sob aquelle nome na Real Associação Naval, cujo galhardete tremulava ovante no tope do mastro real. Armado em yole, com as suas velas — grande e de estae, bujaron e fock de mezena, e, no mastareo o gaveltop — saíra victorioso em mais de uma regata, e competia com os outros em protestos.

Apesar de, com o uniforme azul, de botões amarellos de ancora, e bonet agalooado, dê pala e corôa, parecermos todos almirantes ao leme e com mandando a manobra, mais d'uma vez por milagre, não fômos ao fundo.

Representava o «Orion» a nossa aspiração de momento, aspiração que nasce, desde que somos pequenos, nos botes de papel que naufragam na bacia da cara, e d'ahi passa aos comprados na feira que se desgudam nos tanques, para, depois subir, com a idade, ás primeiras canôas das praias, ás guigas em que, marinheiros já, mostramos musculos a puxar do remo, para emfim subir ainda á arte de marear o panno, hoje n'um escalor, amanhã n'um yacht, que sempre parece pequeno e se apeteça maior para sair a barra, dobrar os cabos e afrontar os mares. No insaciavel que é o desejo, ter-se-hia uma nau e ainda se acharia insufficiente. O nosso desejo, porém, por economia, ou não sei porque, ficára por ali e ali morreu.

Mas n'aquelle tempo não começára a declinar ainda ou mal se apercebia. Ainda nos sabia bem n'uma manhã, rompendo o sol em reflexos no céu e sobre as aguas do Tejo, largar da rocha do Conde de Obidos, e singlar Tejo acima, levados pelas ligeiras aragens do norte, com as brancas velas enfunadas. Ora attentos na derrota e no manear dos cabos, ora vendo o cachão da prôa, ou a esteira do deslizar do barco, deixavamos atrás a cidade, e o vasto porto, para entrar na arriscada navegação dos meandros da cala, do mais baixo e estreito rio, para cujas virentes margens olhavamos, tanto para procurar balizas como para lhes gozar as bellezas.

Era ainda agradável na alegre e bem armudada camara, á roda da bem disposta

mesa, saborear a caldeirada com o picante molho de tomate e colorau, e beber, tirado dos paíes, o fresco vinho que amenisava seccuras criando novas. E como sabia egualmente bem conciliar o somno no limpo e fôfo beliche ligeiramente balouçado ao rumor das aguas!

Ao meio dia lançavamos ferro no Carregado, mas não podémos aproveitar a tarde, por falta do João Gallego que mandáramos por terra com os perdigueiros. Nunca soubemos a causa da demora. Alargara-se, talvez, pelo caminho, no elogio da cançoada.

«Estes cães tem tanto dixto, como dixto», dizia elle, sentencioso, apontando para a testa e para o nariz.

Mas esta sentença para os estranhos significava louvor: o de terem os cães miolos de Shakespeare e fero correspondente; mas para nós, os donos, tomava uma inflexão ironica que lhe dava o sentido de terem os cascos vazios e o focinho de pau.

N'esta caçada era o Sousa convidado, e, por isso, menos mandão e menos andarilho. E até o seu novo cão, o bom «Fiel», no seguro tirar da caça, o estava convencendo de que se pôde ser cão sem caçador, mas não caçador sem cão; sobretudo ás codornizes.

No terceiro dia retiravamos, rio abaixo, com 73 codornizes, consolando-me eu de para aquelle numero ter concorrido o ultimo, com o ter sido o Oliva o primeiro.

E foi esta a minha ultima caçada ás codornizes das apontadas no livro, sendo anos depois, a ultima de todas uma, no estio tambem, e no Carregado igualmente, a sós, com o Souza — caçada de de importante só tem hoje, para mim, o ter sido a derradeira. Com essa acabaram estas risonhas caçadas, como já tinha acabado o barco com as suas pompas e glorias. Mas a boa vinda das emigrantes avesinhas com o renascer das primaveras, e a sua partida após o cair das seares, não acabaram e eternamente as verei com os olhos da alma, cheia agora de saudades, como na idade forte a tinha de esperanças; e confio em que sempre me darão sonhos as tranquillas aguas, e me dirão mysterios o balouçar-me nas altas ondas, ou o vêr estas desdobrar na praia.

10 de dezembro de 1899.

CAÇA

Exposição de caça e congresso de caçadores

A prestimosa *Associação protectora da caça em tempo defeso*, que nós ajudámos a fundar, está, como os nossos leitores já sabem, trabalhando activamente para nas futuras festas da cidade de Lisboa, em maio de 1901, organizar uma exposição de cães, outra de armadilhas de caça e um tiro aos pombos.

São dignos do maior elogio os esforços que a direcção entrega para conseguir a realisação dos seus intentos; sabemos que conta já com muitos e valiosos elementos para as exposições que projecta; é de esperar que se desempenhe com o maior brilho da tarefa que se impôz. Pena é que a *Associação dos Caçadores Portuguezes*, pelas circunstancias especies em que se encontra, não tendo tambem encetado trabalhos no mesmo sentido, cooperando activamente em uma tão sensata quanto util manifestação de utilidade.

Era tempo ainda de se trabalhar na rea-

lisação de uma exposição geral de caça, ideia nossa e que nós por bastantes vezes temos advogado; ganhava com isso a arte venatoria em geral e muito em particular os caçadores amadores. Seria occasião oportuna de se apreciar muitas cousas dignas da attenção dos entendedores e amadores, sendo uma das mais interessantes os innumerados exemplares de bellas espingardas antigas, algumas, que as ha, de magnifico fabrico nacional, rivalizando com o que de meliores havia no estrangeiro, no seu tempo.

As duas associações de Lisboa coadjuvadas pelas suas congeneras da provincia podiam e deviam realisar o grande certamen, certo que faziam o melhor e mais esplendido trabalho que até hoje se tem feito, em assumpto venatorio.

O *Club de Caçadores*, do Porto, do qual muito nos orgulhamos de ser socios honorarios, se bem nos lembra, em 1889 organizou uma exposição identica no Palacio de Chrystal, no Porto, que teve um enorme exito. De esperar era que agora, com a coadjuvação de todos os clubs o novo certamen seguido de um congresso de caçadores, seria o inicio de uma nova era de prosperidades e futura orientação em que haveria muito a ganhar.

O congresso seria o meio de os caçadores se entenderem e orientarem nos seus futuros interesses, e nos da caça.

Aqui fica a ideia; que as associações e todos os interessados se compenrem das vantagens que lhe adviriam de tal passo e que o realisem pondo de parte dissidencias e antagonismos que prejudicam todas as accções benificas.

Que S.^{to} Huberto nosso patrono illumine e proteja os seus discipulos e os encaminhe para o bem.

Condemnação

O digno juiz da comarca de Villa Franca de Xira, dr. Carvalho Barreto, no dia 20 de agosto condemnou João Carneiro em 12 dias de cadeia e 12 de multa e Januario Antunes a 8 de cadeia e 8 de multa, ambos do logar de Arranhó, por terem destruido os ovos de um ninho de perdiz, caçando esta a laço, que foi, por um outro individuo de quem infelizmente não sabemos o nome, posta em liberdade.

Muito bem, pena é que não possamos dar conta de mais factos d'estes.

MUSICA

Coisas d'arte

XVII

(A um amigo que vive em Africa)

Acabei agora mesmo de ouvir as ultimas notas da rhapsodia hungara de Liszt, em que os dedos subtilmente prestigiosos de Rey Colaço pozeram crispacões estranhas nos meus pobres nervos, já excitados com alguns inesqueciveis minutos de ideal prazer; e, tendo de escrever-te, é justo que aproveite a occasião para te contar impressões d'esses bellos quatro concertos que o grande pianista, na apreciavel companhia dos esposos Sarti, proporcionou ás gentes de Cascaes — e arredores.

Tres sonatas de Beethoven, entre as quaes a *appassionata* e a do *clair de lune*; alguns deliciosos trechos, de Chopin e de Schumann, de Grieg e de Mendelssohn e ainda outras composições varias, mais uma vez mostraram aos que querem ou sabem ouvir o que é e o que vale Rey Colaço.

Elle é simplesmente extraordinario na maneira ao mesmo tempo assombrosa e simples como perante todos nós *revive* e

reconstrue cada um dos grandes e immortaes espiritos que vac invocando no piano, e para quem mais de perto conhece a sua organização, de um nervosismo intenso e de uma vibratidade indomavel, não é das maiores surpresas, o vel-o na apparencia risonho e sereno como se ali não estivesse realizando prodigios de esforço, e produzindo milagres de talento, que paga com horas de indefesso trabalho e de tensão cerebral profunda, só para conseguir dar a quem o ouve a notação exacta, a *côr justa* de cada um dos musicos que interpreta.

Nem todos nós attingimos logo essas finas gradações diversas, esses mil cambiantes vagos que passam ao fundo de uma melodia inedita ou de uma harmonia sabida, e menos ainda apprehendemos em rapidas audições o estylo proprio de cada auctor de vulto; pelo que, a função dos tocadores como Colaço, musicos encader-nados em poetas, é fazerem-nos sentir isso tudo, tornarem-n'o por assim dizer palpavel e visivel, mercê d'uma exteriorisação completa, collocando defronte do nosso eu, o eu do compositor escolhido.

E ainda este tem de ser apresentado através do d'aquelle que executa, porque é de saber que toda a obra d'arte digna d'esse nome, resulta, em musica, da fusão d'estes dois elementos.

Ora, quer-me parecer amigo, que não exaggero, asseverando que não serão hoje muitos os pianistas que em tão alto grau possuam este condão supremo, de praticamente demonstrarem, *tocando*, as differenças e os caracteristicos de Schumann ou de Mozart, de Bach ou de Mendelsoln, de Grieg ou de Dvorah...

Existem mechanistas insignes, eruditos profundos, executantes conscienciosos, que theoreticamente muito bem desenvolvem esta questão complexa e que em lapidares conceitos e em substanciosas lições são capazes de formar discipulos na posse didactica de todas as innumeradas regras de tão importante capitulo; mas, artistas incompletos ou deseguaes, mal conseguirão produzir no instrumento aquillo mesmo que muito lucidamente expõem.

Outros, porventura menos insignes ás vezes, mas mais generosamente dotados pela natureza, não com palavras mas com sons, em alguns compassos e em dois ou tres accordes nos arrastam para dentro do seu auctor de momento, e nós temos então a visão divina e perfeita de tal genio como Beethoven, de tal sonhador como Chopin...

E assim fixamos as dissimilhanças geraes e as modalidades particulares de um dado periodo da evolução musical, e entramos na comprehensão de uma determinada individualidade creadora ou vulgarisadora de novas fórmas...

N'este especial ponto de vista deve reportar-se inestimavel a acção que em mais d'uma camada tem exercido Colaço, na sua dupla qualidade de professor concertista, que nem quando nos delicia deixa de nos educar, e a prova ainda a tivemos agora n'esses mesmos concertos...

*

Se te disser, amigo que para os tornar inteiramente bellos a intelligencia flexuosa e viva de m.^{me} Sarti nos appareceu sob a fórma de canto, em modulações d'uma suavidade rara, e d'uma emoção intensa, a ponto de em *la glú, dans les roses* e *l'absence* fazer marejar de lagrimas muitos olhos lindos, tudo havei dito.

Privilegiada e encantadora *dona* que com um tenue fio de voz taes impressões desperta e a tal altura ascende!

Ah! meu amigo, quando se *dis* assim, a alma que transparece em cada termo, em cada letra, em cada som, como que até em nós mesmos transfunde um pouco da sua luz celeste e nem sabemos se ruidosamente devemos acclamal-a, se mansamente convem antes bemdiel-a.

E para concluir, deixa-me dar-te a alegre noticia que juntamente com um novissimo, o sr. Manuel de Athougua, que principiando agora a trilhar a estrada, denota firme desejo de vencer, — nos apparece um *novo* mas já velho conhecido nosso — o sr. Cecil Mackee.

Foi elle um discipulo dilecto do malogrado e saudoso Hussla e mais tarde seu auxiliar dedicado e proficiente na regencia de uma das classes de rabeca da Academia de Amadores, e da forma por que o coadjuvou, falam ainda hoje os que por seu turno foram discipulos seus.

Depois, o joven violinista cheio de aspirações e de talento, pensou, e pensou muito avisadamente, que visto ser-lhe possivel ir ouvir os professores notaveis e os concertistas celebres, não deveria confinar-se aqui, e eil-o que seguiu para a Belgica onde Tompson e Isaie mantem e accrescentam as tradições honrosas da terra de Leonard...

Que aproveitou com o convívio d'esses mestres gloriosos e grandes mostrou-o executando a *Polonaise* de Vieuxtemps, e a de Lauterbach, substituindo á ultima hora em um dos concertos um moço violinista que um luto de familia impediu de tocar, e finalmente dando-nos na *berceuse* de Godard e na pagina complicada de Lauterbach, que atraz citei, a sensação de estarmos diante de um consciencioso e insinuante artista, que ao seu instrumento arranca uma sonoridade poderosa e doce, e effeitos varios de uma technica simultaneamente sobria e rica...

O sr. Cecil Mackee que pessoalmente é deversas sympathico, e que ás qualidades de musico distincto, reune as de desprencioso e alegre rapaz, tem, felizmente, todos os elementos para vir a ser alguém, e o meu intimo desejo, que egoistamente aqui confesso é que sendo-o, como aliás merece, não nos fuja de todo, embora outras que não estas, sejam as paragens floridas onde o seu talento e a sua mocidade justamente ambicionarão brilhar...

Aqui a luz é doce, a paisagem canta e o céu sorri; alem d'isso a gente, mesmo ignorante e rude, tem a bondade simples que enamora e prende; e, creia, são os novos de alma que d'ella poderão ainda fazer alguma cousa, se quiserem ter o nobre e civilizador designio de contribuir para a sua elevação esthetica, que é afinal uma das formas de preparar-lhe a sua elevação ethica.

.....
Noto agora, meu amigo, que já te ia esquecendo a ti que estás longe, entretido a falar de quem está perto, mas advirto que nem por isso deixava de ir pensando, como te será aprazível saber, no teu regresso, que tens aqui mais um moço artista entusiasta e crente para tão recolhidamente ouvir, quanto merecidamente apreciars...

AFFONSO VARGAS.

A ARTE MUSICAL

Revista quinzenal

DIRECTOR — Michelangelo Lambertini

Redactor — Ernesto Vieira

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49 LISBOA

VELOCIPEDIA

Ao Real Velo-Club do Porto—União Velocipedica Portuguesa—*Varias noticias.*

O Real Velo-Club do Porto festejou, no dia 23 de setembro ultimo, o 7.º anniversario da sua fundação.

Como propagandista, que de ha muitos temos sido, do desenvolvimento das forças physicas pelos exercicios denominados sportivos, e principalmente pelo cyclismo que reputamos, como por mais de uma vez temos dito, o mais util e o mais attractivo de todos — d'aqui endereçamos as nossas mais cordeas felicitações á sympathica associação portuense, que indefessamente, durante os sete annos já decorridos desde a sua installação, se tem exforçado por satisfazer cabalmente ao fim para que foi creada.

As festas commemorativas do anniversario a que nos referimos foram brilhantissimas, como os leitores poderão ver pelo respectivo *compte rendu*, feito pelo nosso solícito correspondente n'aquella cidade. A essas festas assistiram, além de representantes da maioria das associações de sport do paiz, algumas das individualidades mais proeminentes do Porto, que assim quizeram dar um publico testemunho de apreço e consideração pela associação festejada.

Sem o menor resaiço de lisonja para com o Real Velo-Club do Porto, a que nós não prendemos outros laços que não sejam os de uma justificada sympathia, e portanto no intuito sómente de lhe fazermos a justiça devida, não hesitamos em afirmar que, em nosso entender, de todos os club velocipedicos do paiz, é este o que mais tem contribuido para animar e desenvolver o cyclismo em Portugal. Através de difficuldades, que nunca deixam de levantar-se a todos os empreendimentos, e até de dissidencias e rivalidades que por mais de uma vez se tem manifestado no seu gremio — como é inevitavel em todo o genero de associações, onde, infelizmente, nunca faltam individuos, absolutamente falhos da mais rudimentar comprehensão dos direitos e deveres associativos, para collocarem, acima dos interesses da collectividade, as suas irritantes e irritadas vaidades pessoasas — o Real Velo-Club do Porto, no entanto, mercê do acerto, dedicação e solícitude com que as suas direcções se tem desempenhado do seu aspinhoso mandato, tem-se affirmado, de anno para anno, cada vez mais brilhantemente, procurando sempre ser util á causa do cyclismo, e aos seus associados, e proporcionar a estes recreações agradaveis e salutareas.

Para se avaliar quanto esta associação se tem exforçado pelo engradecimento e prosperidade do cyclismo portuguez, bastará saber-se que foi ella entre nós a primeira que construiu um velodromo seu, no qual se tem effectuado muitas e excellentes corridas; e que ainda ultimamente, no intuito de melhorar as condições d'esse velodromo, n'elle realisou importantes obras.

Por tudo isto, não é de admirar que, das associações congeneres do nosso paiz, seja esta a que conta maior numero de socios, os quaes, em 31 de dezembro ultimo, e conforme um relatório que temos presente, se elevavam a 580.

Aos espiritos superficiaes parecerá talvez frivola, por completamente destituída de valor, a acção exercida pelas sociedades da indole do Real Velo Club do Porto; aos olhos, porém, dos que possuem melhor

critério e mais profunda observação, essas sociedades apresentam-se como factores da maior importancia no desenvolvimento physico da nossa raça, e como taes credoras de todo o applauso e de todo o incitamento.

Por tudo isto reiteramos ao Real Velo Club do Porto, pelo seu setimo anniversario, as nossas felicitações, que, á falta de qualquer outro, têm o merito de ser sinceras.

Reuniu no dia 27 a direcção da União Velocipedica Portuguesa. A sessão compareceu o sr. Sebastião Tenorio d'Oliveira, que, em annunciação ao amavel convite dirigido á União pela commissão promotora dos festejos commemorativos do anniversario de R. V. C. P., fôra á capital do norte, como enviado especial da União, assistir a esses festejos, e n'elles, conjunctamente com o digno delegado n'aquella cidade, representar a nova federação velocipedica.

O sr. Tenório d'Oliveira agradeceu á direcção o têt-o escolhido para aquelle honroso encargo; e, dando conta do modo porque o tinha desempenhado, referiu a forma obsequiosa e captivante porque fôra acolhido, e as deferencias e attenções de que fôra alvo.

O presidente da União, sr. Conde de Caria, agradeceu ao sr. Tenorio d'Oliveira ter tomado sobre si, e a expensas suas, tal encargo, e congratulou-se, em nome da associação que representa, pelo acolhimento que lhe fôra dispensado.

Na mesma sessão foi presente o «Regulamento de corridas», elaborado pela secção de *sport* de que é presidente o sr. Claudio Rosado. Acêra d'este regulamento, deliberou-se que elle fosse apreciado è estudado pelos directores da União, srs. Carlos Callixto, Carlos Calleya e o redactor d'estas chronicas; e, depois d'estes srs. lhe fazerem quaesquer modificações que tenham por convenientes, submettido ao julgamento de toda a direcção. Resolveu-se igualmente lançar na acta um voto de louvor e agradecimento á referida secção de *sport*, pela solícitude e promptidão com que elaborara o mencionado regulamento.

Por ultimo, discutiram-se as modificações que convem introduzir nos bilhetes de identidade, ficando de resolver-se definitivamente este assumpto n'uma das proximas sessões, approvou-se a admissão de varios socios, e deliberou-se sobre assumptos de expediente.

Em Paris, por motivo da grève dos cocheiros, foi creada, além da que já existe com caracter permanente, uma brigada especial provisoria de agentes cyclistas, em numero de 156, recrutados entre os agentes ordinarios praticos no cyclismo e cujos deveres consistiam em permanecer nas proximidades dos pontos de reunião, pedalando pelas ruas circumvisinhas com o fim de evitar que os grévistas alterassem a ordem publica. Entretanto podiam tambem intervir em qualquer outro caso que se relacionasse com as suas funções habituaes.

Attendendo aos serviços que os agentes em bicycleta tem prestado, e ao restricto numero d'elles, esperava-se que a nova brigada cyclistas se tornasse definitiva.

O *Campeão*, excellente semanario portuense de litteratura, critica e sport, consagrou o seu numero de 23 do proximo passado, á commemoração do 7.º anniversario do Real Velo-Club do Porto. Insere esse numero os retratos dos srs. Guilherme Puls, commendador Eduardo da Motta Ribeiro Junior, Adolpho Vieira da Cruz, tenente Fernando Evangelino Gomes Guimarães, Herbert Dagge, Edgar Katzenstein e Olyntho Muaze, todos membros da direcção d'aquelle club, e publica excellentes artigos, entre os quaes um do nosso presado amigo e conhecido jornalista Carlos Callixto, em que se

põem em relevo as vantagens da União Velocipedica Portuguesa, e se incitam os cyclistas a que se agrupem em torno da bandeira azul e branca da União.

No mez de setembro ultimo a prova de 100 kilometros da União Velocipedica de França foi disputada por 243 cyclistas, desejosos de obter o diploma que a mesma União concede a todos aquellos que percorrem os referidos 100 kilometros em menos de 5 horas. Dos 243 concorrentes, 145 alcançaram o fim proposto, sendo por isso contemplados com o ambicionado diploma e dos 98 restantes, ainda 5 concluíram o percurso, mas excedendo o tempo fixado.

Foi o seguinte o resultado do Grand-Prix da Allemanha, disputado em 2 de setembro ultimo em Berlim:

- 1.º Jacquelin.
- 2.º Meyers, a um comprimento.
- 3.º Greon, a meia roda.
- 4.º Areud, a um comprimento.
- Tempo 4 m. 1 s. 1/5.

Este resultado veio confirmar os do Grand Prix de Paris e campeonato do Mundo do corrente anno, em que Jacquelin foi tambem o vencedor. Ha até a notar a circumstancia da ordem da classificação ser a mesma do campeonato do Mundo, com a diferença apenas de entre o 2.º e 3.º do campeonato se haver intercalado Greon, que não disputava aquella prova.

Duas corridas de 25 kilometros, realizadas no velodromo do Parc des Princes, a primeira reservada a corredores de segunda cathogoria, a segunda a corredores de primeira cathogoria, tiveram os seguintes resultados:

- A primeira:
- 1.º Bor, em 24 m. 32 s.
 - 2.º Senior, a 1 volta 1/4.
 - 3.º Contentet, a 1 volta 1/2.
 - 4.º Thuau, a 2 voltas.
 - 5.º Digeon, a 2 voltas e meia.

O tempo em que Bor effectuou o percurso é excellente, e por isso, e ainda porque bateu um grupo que, sem ser transcendente, continha ainda assim alguns corredores notaveis, a sua victoria não deixa de ser importante.

Resultado da 2.ª das mencionadas corridas:

- 1.º Huret, em 23 m. 36 s. 4/5.
- 2.º Luiton, a 300 metros.
- 3.º Chase, a uma volta.
- 4.º Bonheurs a uma volta e meia.

Este resultado não é menos notavel que o da precedente corrida, e tornar-se sobretudo surprehendente, porque ninguém esperava que Huret, o especialista das 24 horas, batesse não só um grupo de corredores de primeira ordem, como tambem o recorde feito por Baugé treinado por um tricyclo.

Nelson, até agora considerado invencivel, soffreu em Philadelphia a primeira derrota. N'um match de 25 milhas com Michael, este ao cabo de uma soberba lucta, ganhou por 250 metros, cobrindo as 25 milhas (40 kil. 266 m.) em 39 m. 29 s. o que constitue recorde com treinadores em tandem.

No velodromo de Vincennes realisam-se, de 9 a 16 do mez ultimo as diferentes provas do chamado *meeting da exposição*. D'essas notaveis provas daremos noticia na chronica de proximo numero, para não alongarmos esta com prejuizo das outras secções.

MAGALHÃES FONSECA

CORRESPONDENCIA

Figueira da Foz

No domingo 9 do corrente teve logar a primeira festa do *sport* d'esta epocha. Coube essa honra á Associação Naval 1.º de maio, promovendo uma regata e corrida de natação no nosso formoso Mondego. Pena foi que tivesse esco-

lhido um dia em que tantas diversões havia, prejudicando-se por isso umas ás outras. Ainda assim a concorrência foi numerosa, tanto no rio como em terra.

As 2 horas da tarde teve principio a corrida que correu por vezes animada, especialmente na primeira corrida a 2 remos que dispertou bastante entusiasmo, chegando o barco vencedor á meta com uma diferença de um palmo do barco vencido.

Os premios oferecidos por gentis damas, foram á noite dirribuidos no theatro Principe D. Carlos onde a companhia dramatica do actor Joaquim d'Almeida representava, dedicando a recita á Associação Naval promotora da regata.

Damos em seguida o nome dos vencedores:

Guigas a 4 remos

1.ª — Patrão: A. Domingues. — Remadores: I. Mascarenhas, L. Neves Baptista, E. R. Pestana e J. R. Carvalho.

2.ª — Patrão: G. d'Oliveira. — Remadores: J. Vianna, J. Mascarenhas, E. Maia e A. P. de Sousa.

3.ª — Patrão: J. R. Coelho. — Remadores: J. J. Cunha, L. N. Baptista, A. I. Santos e J. Vianna.

Botes a 2 remos

1.ª — Patrão: E. Maia. — Remadores: J. Vianna e J. R. Coelho.

2.ª — Patrão: J. Vianna. — Remadores: A. Faria e M. Pires.

Corrida de natação

Assumpção Martinho.
Jurj: João José da S. Costa, Antonio Vieira, e M. Gaspar de Lemos.
Juiz de partida: José Netto Braz.
Juiz de balizas: M. d'Oliveira Catharina.
Abrilhou a festa a Philharmonica das Alhasdas.

Setembro, 1900.

F.

CYCLISTAS!!

A CLEMENT em 1900, continuará, como em 899 a ser a premiada

A CLEMENT é a preferida da nobreza, pelo clero e pelo povo. Nem podia deixar de ser assim, desde que se sabe que a sua reputação é universal e que nenhuma outra bicycle'a a eguala em elegancia, perfeição, leveza, rolamentos e preço. Prefiram a CLEMENT pois, se querem possuir uma bicyclete de confiança. A CLEMENT de estrada, é construída para supportar um peso d'um cyclista de 140 kilos. Bicycleetes desde 80\$000 réis. Concertos gratis nas bicycletes vendidas por nós. — Vendas a prestações mensaes.

SANTOS BEIRÃO & HENRIQUE — Rocio, 15 — Lisboa



Casa Columbia

25, Rua Garrett (Chiado), 27

Unico deposito de bicyclettes, Columbia e Hartford da celebre fabrica Pope & C.ª New York. America.

Vendas a prompto e a prestações (sem entrada), 1\$000 réis semanaes. Ensino, aluguer e reparações em todos os sistemas de bicyclettes.

Completo sortimento de accessorios. As magnificas cornetas *Espanita cãs*.

CASA COLUMBIA

ODELSIDE 1897 READY

Columbia

GREATEST BICYCLE FACTORY IN THE WORLD

POPE MANUFACTURING CO
HARTFORD, CONN. U.S.A. & C.

NEW CATALOGUE FREE FROM ANY COLUMBIA AGENT
OR BY MAIL FOR A TWO CENT STAMP

Consultorio dentario Saturio Augusto Paiva

Cirurgião dentista

pela escola de Paris.—Doenças de bocca e dentes

avessa de Santa Justa, 60, 2.º

AMAZEM DE VIVERES

ALBINO DAVID MARTINS

Generos de primeira qualidade
Especialidade em café, lote, 720 réis o kilo
Fructas nacionaes e estrangeiras
Queijos, etc.

39, Rua Nova do Carmo, 41
LISBOA

CAMBIO

LOTERIAS

E

Papeis de credito

João Vierling & C.ª

LISBOA

Rua do Arsenal

44 e 46

—

PRAÇA DO MUNICIPIO

1, 2 e 3

Companhia Industrial Productora

DE

PAPEIS PINTADOS

Premiada em todas as exposições a que tem concorrido

27, Rua de S. Sebastião da Pedreira, 27

N.º TELEPHONICO 878

Fabrica papeis para forrar casas em todos os generos; papeis para encadernação, perca linas, chagrin, agathas; papeis marmoreados, papeis couchés para chromos e papeis de lustro para etiquetas e rotulos.

Caçadas Portuguezas

POR

Zacharias d'Aça

700 RÉIS

POR 500 RÉIS SEMANAES

POR 500 RÉIS SEMANAES

MACHINAS PARA COSER

DA CONPANHIA FABRIL

"SINGER"

MARCA DA FABRICA

DE NOVA YORK

PARA FAMILIAS E INDUSTRIALES

POR 500 RÉIS SEMANAES

105, Praça do Loreto, 107

LISBOA

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

PARA

S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Lages do Pico, Fayal, Flores e Corvo. Sae o vapor AÇOR, commandan-



te Carlos Pereira Vidinha, no dia 5 de outubro ás 10 horas da manhã. Trata-se com os agentes, Caes do Sodré, n.º 84, 2.º andar.

Germano Serrão Arnaud.